

## a propósito dos 90 anos da revolução russa: reflexões críticas de um anarquista nos idos de 1920

rogério nascimento\*

Este ano festeja-se o 90º aniversário da Revolução Russa. Uns, sentindo um certo constrangimento pelo que a história fez emergir deste evento, outros, com indisfarçável nostalgia e contrição, comemoram esta data marcante do século XX. Uns e outros ainda costumam acreditar no desfecho registrado no mesmo século em que a Revolução Russa fora engendrada. O fim da U.R.S.S. junto da queda do muro de Berlim retirou o chão e o oriente de pessoas e instituições. Convenhamos, a U.R.S.S. simbolizava, para muitos, um futuro inevitável, fatal, culminante, vaticinado na ‘ideologia’ escatológica de Karl Marx! Para se ter uma idéia da dimensão dos sentimentos

\* Rogério Nascimento é doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP e professor de Antropologia na Universidade Federal de Campina Grande. Publicou *Florentino de Carvalho, pensamento social de um anarquista*, Rio de Janeiro, Achimaé, 2000. Participou do coletivo editorial do jornal *Atentado* com estudantes do curso de Ciências Sociais da UFCG entre 2000 e 2001. É integrante do Nu-Sol.

evocados por esta ocorrência, caso alguém levantasse a hipótese deste acontecimento um ano antes, seria alvo de zombarias por parte até do mais desleixado em assuntos políticos, que dirá dos partidários mais exaltados.

No Brasil daquele momento histórico as notícias sobre a Revolução Russa causaram, inicialmente, reações eufóricas no movimento operário. Os segmentos sintonizados com alguma corrente socialista acolheram com entusiasmo os acontecimentos revolucionários. Entre os anarquistas o efeito foi bastante significativo. Tanto assim que os principais articuladores do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1922<sup>1</sup> eram egressos do anarquismo. A criação deste partido se deu depois de um breve ensaio em 1919.<sup>2</sup> Nesta ocasião, alguns anarquistas no Rio de Janeiro fundaram o Partido Comunista Brasileiro (PCBr) procurando fundir uma concepção malatestiana de partido com a proposta maximista, maximalista ou bolchevista, como ficou mais conhecida. Este partido, de vida efêmera, defendia as bandeiras do antiparlamentarismo, do anti-estatismo, do anticapitalismo. Feneceu por conta dos embaraços e ambigüidades que suscitava, retratando o estado de espírito confuso existente entre os trabalhadores à época.

Os anarquistas foram os primeiros a anunciarem críticas contundentes ao processo de bolchevização da Revolução Russa.<sup>3</sup> As recusas aos procedimentos bolcheviquisantes instaurados na Rússia, sugeridas de serem transplantadas *in totum* para o Brasil, foram anunciadas de maneira contundente, ainda no ano de 1920, por Florentino de Carvalho.<sup>4</sup> Crítico mordaz das idéias político-sociais de Marx, este anarquista foi no Brasil um dos primeiros a manifestar opinião contrária à U.R.S.S. Na imprensa operária, em livros e conferências, proferidas principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, envidou esforços em expor sua visceral recusa ao marxismo e,

A propósito dos 90 anos da Revolução Russa

por extensão, ao bolchevismo. Seus artigos e livros, escritos e publicados nas décadas de 1910, 1920 e 1930, incidiram ácida e intensamente sobre as idéias sócio-políticas de Marx e de seus mais representativos expoentes.

Sem dispensar o próprio Marx em sua escrita cáustica, Florentino de Carvalho elaborou críticas virulentas tanto à vertente social-democrata como a bolchevique do marxismo.<sup>5</sup> Em sua crítica incisiva do bolchevismo e por sua recusa irredutível de instauração no Brasil de processos de bolcheviquização da sociedade, por vezes era incompreendido pelos próprios trabalhadores e por muitos anarquistas. Ainda assim manifestou recusa intransigente aos processos ditatoriais colocados em efeito pelos bolcheviques na Revolução Russa.

Para muitos, tudo o que aconteceu na Revolução Russa era inevitável e inimaginável acontecer de maneira diferente. Marxistas laboram em extravagantes contorcionismos verborrágicos e “explicam” o desfecho da U.R.S.S. lançando mão da idéia de “erros”, “desvios doutrinários” ou “equivocos”<sup>6</sup> de interpretação do pensamento de Marx. Este procedimento visa manter incólume o referencial central: Karl Marx. A naturalização de processos sociais é inerente a dinamismos de mitificação na sociabilidade humana. A história da U.R.S.S. e do marxismo era passada para as gerações do pós-guerra de maneira mistificada e mitificadora, tendo mais afinidade com uma história natural do que com fenômenos sociais.

Os cinco artigos selecionados da imprensa anarquista e reunidos aqui em ordem cronológica apresentam alguns aspectos do pensamento crítico de Florentino de Carvalho sobre o marxismo.<sup>7</sup> *A Plebe* e *A Obra*, periódicos de onde foram retirados estes artigos, tinham significativa penetração no movimento anarquista no Brasil.<sup>8</sup> Por sua vez, estes artigos, para além do fato de integrarem a

imprensa anarquista e enquanto documentos históricos inestimáveis, são importantes ainda em nossos dias principalmente por desmistificarem a U.R.S.S. e o marxismo. Ao leitor cabe retirar destes escritos as lições deixadas na história.

Importante também por tensionarem a consagrada divisão no campo do pensamento e das práticas políticas entre ‘esquerda’ e ‘direita’ percebidos enquanto pólos antagônicos. Nesta perspectiva anarquismo e marxismo seriam alocados no pólo ‘esquerda’, alimentando em alguns uma esperança de união entre ambos. Deste modo, para quem ainda hoje considera a possibilidade de convergência entre anarquismo e marxismo, estes artigos favorecem, pelo menos, uma reflexão sobre como na história esta união sempre aconteceu em prejuízo dos anarquistas. Por transigirem com ditadores, possuídos pela verdade da razão científica, muitos anarquistas foram sistematicamente delatados, perseguidos, emboscados, aprisionados, torturados, assassinados...

O estabelecimento da ditadura de um déspota na Revolução Russa fôra o corolário de um processo social absolutista instaurado pelo marxismo — em sua modalidade bolchevique. Não faltou, porém, quem, como Florentino de Carvalho entre os anarquistas no Brasil, adotasse posição intransigente contra a união com o marxismo. Anteviu nesta colaboração sinistros ardís e coloridas ciladas. A história lhe deu razão de sobra!

### **Pelo comunismo anárquico**

Florentino de Carvalho

*A Plebe*

Ano 04 – Nº 71

A propósito dos 90 anos da Revolução Russa

São Paulo – SP

Página 01

03.07.1920

O esfacelo dos impérios, das monarquias, das repúblicas, a desordem dos fatores econômicos, a *débâcle* religiosa e moral que invade as altas camadas sociais, a perturbação geral que parece ter posto o nosso astro fora do seu eixo, trouxeram também ao pensamento das massas a confusão, o desequilíbrio, perturbando a diretriz dos homens e dos partidos.

Ante a derrocada geral, grande parte das hostes militantes nas lutas políticas e sociais foi empolgada pela rajada, e descambaram fora da sua órbita ideológica.

Foi tal o estrago, o dismantelo verificado na máquina social, que não sabem qual partido seguir.

Diante da urgência do momento não atinam a tomar uma resolução definitiva.

A aluvião cegou-os. No campo econômico não sabem se devem pender para a reforma, para a nacionalização ou para a transformação radical da propriedade. No terreno político não têm uma idéia clara sobre a nova forma de organização.

Uns enfileiraram-se nos partidos republicanos, outros na democracia socialista, outros nos centros católicos, nos sindicatos amarelos; outros, ainda, são pelo minimalismo, pelo maximalismo, pela ditadura proletária.

Esta miscelânea de agrupamentos, de partidos, de tendências, firmadas sob uma superficial observação dos fenômenos sociais, em vez de apressar a marcha do progresso social, serve-lhe de muralha difícil de transpor.

Nesta babel moderna nós não perdemos, felizmente, o nosso tino, a nossa diretriz.

Afeitos estamos à análise serena do desenrolar das borrascas, procurando sempre lhes auscultar o movimento, descobrir a sua origem, os seus valores, os seus efeitos.

Este nosso método de ação permitiu-nos manter a calma e encarar com toda a clareza a situação transcendental, que empolga todos os povos.

Estudando, pois, as possibilidades, as soluções, as conveniências, chegamos à conclusão seguinte:

A reforma e a nacionalização têm como efeito imediato a formação de uma nova burocracia econômica, talvez mais daninha do que o patronato. A república ou a democracia socialista já nos arreganhou com a sua ação sinistra, na França de Clemenceau, na Rússia de Kerenski e na Alemanha de Hebert. Esses regimes e homens, de triste história, já demonstraram ser, para o povo, mais iníquos e sanguinários do que os seus antecessores.

Dos centros católicos, e dos sindicatos amarelos temos apenas a manifestar, por eles, a nossa repulsa indiscutível.

As demais facções ou tendências sociais, como o minimalismo, o maximalismo, ou a ditadura proletária, também não nos satisfazem, porque não resolvem o problema social, que implica a socialização dos elementos econômicos e a supressão do despotismo, encarnado nos poderes políticos de um parlamento ou de um ministério.

Os nossos princípios, os nossos meios, os nossos fins dão à questão uma solução mais radical, mais prática.

Como ponto de partida somos pela expropriação geral e, ao mesmo tempo, pela posse coletiva, onde ninguém fique privado de tudo quanto necessita para trabalhar e viver; somos pela supressão dos poderes políticos, a fim de que não sirvam de obstáculo à organização de uma sociedade de homens livres.

A propósito dos 90 anos da Revolução Russa

Desejamos que não seja preciso o emprego da força para colimar o nosso fim, mas, se preciso for, os grupos que tiverem feito a revolução permanecerão em armas e em constante atividade, até destruírem o último perigo que se anteponha ao novo regime triunfante.

Podem os indecisos, os que não têm convicções, contemporizar com esta ou aquela panacéia de momento, de transição, podem manifestar-se pela república, pela democracia socialista, pela ditadura.

Nós, seguindo o processo das matemáticas, e sabendo que a linha reta é o caminho mais curto, somos e seremos, sempre, pelo Comunismo Anárquico.

### **Noções de coisas – o anarquismo ante o momento atual**

Ao deputado M. de Lacerda

Florentino de Carvalho

*A Plebe*

Ano 04 – Nº 72

São Paulo – SP

Página 02

10.07.1920

A tese mais importante abordada pelo ilustre deputado Maurício de Lacerda nas suas conferências aqui realizadas foi a da inanidade do *comunismo anárquico*. Disse que esse ideal é o mais belo, o mais sublime que a humanidade tinha podido conceber; as massas, porém, não estavam preparadas para tão elevada realização. Era preciso estabelecer um regime, de transição, o maximalismo, por exemplo, tal como se havia verificado na Rússia.

Ora, para o Dr. M. de Lacerda, que não é idealista, apenas um político, há de ser mais admissível um regime de transição, uma sociedade onde exista um comunismo... relativo, e onde impere o Estado, com o seu cortejo de instituições: o exército, a moeda... etc.

É esta uma bela maneira de afastar o perigo comunista, e enveredar pela senda do maximalismo, que muito bem pode ser realizado por vias legais, por uma série de reformas, pelo processo eleitoral, que, de fato, será muito cômodo, muito agradável para os políticos...

Mas, cumpre-nos fazer notar que as afirmações do Dr. Maurício são capciosas e gratuitas, porque não vêm seguidas dos recursos da argumentação precisa, lógica, documentada. Para que essas afirmações tivessem consistência seria preciso que o conferencista ilustrasse os seus ouvintes, nos princípios, nos fins e meios do comunismo anarquista, e, a seguir, sustentasse a sua impraticabilidade. O grande sociólogo, porém, contentou-se com apresentar razões empíricas constatando o impreparo associativo e cultural do operariado brasileiro, para tão grande empresa.

Mas, com a devida vênia, tomamos a liberdade de chamar a atenção do ilustre deputado para as seguintes razões elucidativas:

O território russo acha-se no pólo Norte e o nosso no pólo Sul. As condições do seu solo não são iguais às do nosso. A Rússia possui os climas polares, nós os tropicais. A sua flora e a sua fauna pouco se assemelham às que florescem na terra de Santa Cruz. A sua população, composta de várias raças orientais, pouco têm de comum com a nossa, constituídas por africanos de origem, europeus ocidentais e americanos. As crenças políticas ou religiosas, os idiomas, os costumes, a história do povo russo distam muito das que formam a psicologia étnica do povo brasileiro.

A propósito dos 90 anos da Revolução Russa

Verificadas essas diferenças estudemos os acontecimentos. Os tempos mudam... e nós não estamos, mais, em 1917.

Quando, na Rússia, se proclamou a república dos Sovietes, as nações européias achavam-se em armas e os povos aliados vibravam ainda sob o entusiasmo da vitória. Era grande a provisão de víveres e material de guerra. As populações recebiam notícias da Rússia através do filtro dos governos interessados em fazer acreditar ao mundo que reinava, ali, o terrorismo e a pilhagem.

Estes recursos facilitaram aos governos o envio de numerosos contingentes de forças à Rússia, para esmagar a revolução, bem como auxiliar com dinheiro e material bélico a reação capitalista.

Nessa época ainda não havia o colosso russo acabado de sair de uma guerra tremenda, na qual as suas forças vitais ficaram esgotadas.

Ainda assim, passou, de uma sentada, do império absoluto para uma república aproximadamente comunista.

Em louvor à verdade cumpre-nos constatar que a liberdade e a igualdade estabelecidas na Rússia devem-se principalmente ao arrojo dos anarquistas, os quais lutaram até contra os maximalistas para que os direitos conquistados pela revolução não fossem burlados pelos políticos vermelhos.

Hoje estamos em circunstâncias diversas das que o povo russo esteve a enfrentar três anos. O estado de espírito das populações não está mais empolgado pelo entusiasmo da vitória; hoje os povos reconhecem que foram vítimas da armadilha em que os respectivos governos os fizeram cair como inocentes cordeirinhos. Os grandes e os pequenos Estados acham-se com os seus exércitos, em grande parte, desmobilizados; encontram-se privados de mantimentos, vendo-se obrigados a entabular

negociações com os soviets da Rússia para adquirir os seus cereais e acalmar assim a revolta das populações esfaimadas. Os governos têm os seus tesouros vazios e estão endividados até os cabelos.

Acrescentemos a isto o fato de acharem-se as classes operárias, os partidos avançados, em constantes agitações e movimentos revolucionários, ameaçando a queda dos Estados, das instituições do capitalismo, e concluiremos que o perigo de uma pressão externa, sobre o Brasil, no caso de um movimento de revolução social, aqui, não existe.

Não participamos do parecer segundo o qual devemos esperar que a revolução triunfe na Europa ou na América do Norte para depois proclamá-la no Brasil, mas observamos que há mais probabilidade de que ela faça a sua explosão no velho continente, e que, em breve, as esquadras dos grandes povos libertos aportem às nossas cidades marítimas arvorando a bandeira vermelha, para nos auxiliarem no nosso ímpeto emancipador.

Por último, se falta a organização do proletariado do Brasil, para realizar uma revolução de caráter comunista libertário, também falta para um movimento maximalista. E com relação a sua falta de cultura, basta-nos observar que na ação a desenvolver influi mais a educação do que a ilustração.

No Brasil, por exemplo, são as classes ilustradas as menos aptas para viverem no regime comunista. O próprio Sr. Maurício é o primeiro em reconhecer que o nosso caboclo está sendo facilmente empolgado pelas idéias comunistas. Isto porque o povo brasileiro ainda não foi corrompido totalmente pelo regime do industrialismo burguês. Os filhos do Brasil estão identificados com as idéias comunistas e anarquistas por terem vivido nos campos, nos sertões, uma vida mais ou menos livre, longe

A propósito dos 90 anos da Revolução Russa

dos grandes centros populosos, onde a exploração prolifera, degenerando o ambiente social e moral.

O maximalismo, como muito acertadamente disse o Dr. José Ingenieros, não é uma doutrina, não tem princípios nem métodos de luta definidos; é um movimento dos elementos em marcha para o progresso social e as suas manifestações tendem a variar segundo o momento e o lugar em que as massas se agitem pelas suas reivindicações. E assim como a burguesia teve empenho em desvirtuar todas as religiões, todas as doutrinas políticas ou filosóficas, assim também ela trata de criar um maximalismo... seu, ou como o que está sendo elaborado na Itália, onde os deputados socialistas-maximalistas são, hoje, um dos melhores “pára-choques” da revolução social iniciada pelos libertários.

Nós batalhamos sempre em favor de qualquer tentativa de caráter liberal contra os regimes reacionários.

Por isso não vacilamos em defender a Revolução Russa contra a reação burguesa mundial; porém, concomitantemente atacamos o regime dos soviets no que ele tem de autoritário, hierárquico, coercitivo.

Neste vendaval de agitações revolucionárias, de novos surtos de doutrinas, de idéias, de métodos de luta, de oportunismos... nós certificamos mais uma vez a superioridade dos nossos inconfundíveis princípios, dos nossos meios de ação e firmamos com mais precisão as nossas convicções comunistas e anarquistas.

**Que se rompa y no se doble.**

Florentino de Carvalho

*A Obra*

Ano 01 – Nº 12

São Paulo – SP

Página 07

01.09.1920

Trabalhadores!

Libertários!

A hora presente, hora de transcendental importância nos destinos humanos, instante no qual o caos econômico e político universal, transtornou o cérebro do homem, que naufraga num “mare magnum” de idéias, de doutrinas, de fatos estonteantes: que resvala pelo declive das contemporizações, das concessões, dos arranjos, das colaborações, exige elevação de vistas, pensamentos profundos, vontades férreas, inquebrantáveis. Quem não se investir dessa armadura invulnerável, não poderá resistir à onda avassaladora que ameaça a derrocada ideológica dos apóstolos da liberdade.

Por sobre os destroços, as confusões da sociedade burguesa, acima das fascinantes realidades, deve pairar incólume as rutilantes idéias libertárias, a mais preclara doutrina inspirada na filosofia do anarquismo.

De que servem as enganosas perspectivas dos movimentos socialistas autoritários se eles hão de ser realizados a custo de incoerências, de quebra de princípios por parte dos que professam ideais mais perfeitos e mais dignificantes?

Nós podemos deixar de apoiar qualquer revolta que tenda ao esfacelo da sociedade burguesa, mas não podemos formar grupos, associações ou partidos que não sejam edificados sobre o pedestal dos nossos princípios.

Nas nossas doutrinas encontramos processos para todas as realizações, isto é, para provocar a transformação social, para agir antes da revolução, na revolução e depois da

A propósito dos 90 anos da Revolução Russa

revolução. Não precisamos emprestar de ninguém processos que, em última análise, são inferiores aos nossos, e de efeitos antagônicos às nossas aspirações libertárias.

Reflitam bem os camaradas que estão empolgados pelos sucessos dos discípulos de Marx, que vêm estabelecendo novas repúblicas, novas burocracias que são a antítese da liberdade.

A nossa obra é mais pura, mais justa, mais sublime.

Principalmente os companheiros que mais se têm evidenciado na propaganda, os que mais responsabilidade têm no movimento libertário devem ter uma noção clara dessa mesma responsabilidade para não se deixarem arrastar pelo caminho das concessões, das incoerências, porque isso implicaria a própria desmoralização e o descalabro no elemento militante.

Os Ferri, os Turrati, os Labriola, os Griand prejudicam muito mais a causa do que aqueles que passam diretamente a fazer parte das instituições policiais.

Aqueles estabelecem confusões; arrastam consigo numerosos simpatizantes, provocam o desânimo nas massas; estes vão sós e levam atrás de si o desprezo unânime.

A preço algum se deve, pois, contemporizar ou transigir nos nossos princípios. Devemos fazer-nos respeitar pela intangibilidade das nossas convicções, inspirar confiança pela irredutibilidade, constância e decisão nas idéias e nas lutas.

Antes e acima de tudo tenhamos o brio necessário para sustentarmos a superioridade do Ideal Anarquista.

Que se rompa y no se doble.

## **O bolchevismo. Sua repercussão no Brasil**

Florentino de Carvalho

*A Obra*

Ano 01 – Nº 13

São Paulo – SP

Página 04

15.09.1920

Somos admiradores da grande obra das revoluções libertadoras que tiveram lugar na Inglaterra, na França, na América do Norte, na Espanha, na Hungria... em todo o mundo. Julgamos dignos de glória os movimentos subversivos contra as instituições reacionárias e, por isso, louvamos a grande obra de demolição das arcaicas e despóticas instituições do ex-império moscovita, realizada com esforços e sacrifícios ingentes, pelos revolucionários russos. Nós persistimos em cobrir de louros essa revolução que mudou a face da História e abalou os alicerces da sociedade burguesa.

As revoluções sociais, e principalmente a revolução russa, despertam as massas e adestram os combatentes por novas e mais justas formas de convivência social, nas lides insurrecionais e ideológicas, transformadoras da economia social e do direito, e são, portanto, dignas da solidariedade de todos os que aspiram a novos e superiores estágios de civilização.

Por isso a nossa atitude é de franco apoio à causa dos revolucionários russos contra a burguesia universal, que realiza a suprema tentativa para esmagá-los.

A Revolução Russa, bem como alguns de seus princípios e realizações, despertaram em nós incontidos entusiasmos.

A propósito dos 90 anos da Revolução Russa

O artigo 18 da constituição russa, que suprime o parasitismo burguês, declarando: “quem não trabalha não come”, se não exprime completamente o nosso ideal econômico, dá, no entanto, uma idéia geral acerca da igualdade econômica.

O artigo 9, cap. V da mesma constituição diz: “O princípio essencial da República S. F. dos Sovietes, constituição elaborada para o período de transição atual, reside no estabelecimento de uma poderosa força soviética, da ditadura do proletariado urbano e rural e dos camponeses mais pobres, procurando esmagar por completo a burguesia, suprimir a exploração do homem pelo homem e fazer triunfar o socialismo. Não haverá divisões em classes nem poder de Estado”.

Estes e outros princípios de tendência libertária levaram-nos à convicção de que no movimento revolucionário russo os anarquistas tinham (como de fato tiveram) uma influência sensível e que, uma vez inutilizada a pressão dos Estados burgueses, a organização econômica e social da Rússia tomaria uma feição cada vez mais libertária.<sup>9</sup>

Contudo, se, em oposição às calúnias dos burgueses, divulgamos a obra benéfica da república russa, nunca fizemos a apologia desse regime, porque demasiado sabíamos que o Estado, qualquer que seja a sua estrutura autoritária ou governamental, é essencialmente contrário aos nossos princípios. Sempre mantivemos sobre este assunto as devidas reservas, esperando sermos ilustrados por documentos nos quais pudéssemos confiar.

Agora, porém, de posse desses documentos, cumpre-nos esclarecer a situação, principalmente e porque, havendo no Rio alguns libertários militantes que tomam a nuvem por Juno, isto é, confundem a Revolução Russa com o Estado burocrático e militarista ali estabelecido,

chegando a propagar a organização de um partido socialista-maximalista, o qual teria por fim, entre outras coisas, a conquista do Estado burguês, empregando o processo eleitoral, transformando-o em Estado... maximalista, afim de que este pusesse a máquina nos eixos, durante o período de transição, este fato pode causar sérios embaraços à ação francamente libertária dos trabalhadores e dos revolucionários.

As tendências doutrinárias dos maximalistas, bem como o atual estado de coisas na Rússia, das quais a seguir damos notícia, exprimem claramente o que seria esse Estado Bolchevista no Brasil: um disparate.

Os bolcheviques russos são discípulos de Marx: sociais-democratas.

O próprio Leon Trotsky no seu livro “O Bolchevismo”, pág. 95, diz:

“Nós estamos unidos por muitos laços à social democracia alemã. Todos nós passamos pela escola socialista alemã e aprendemos lições tanto de seus textos como de seus erros. A democracia social alemã foi para nós não somente um partido da Internacional, foi o partido único.

Nós sempre fortalecemos o laço fraternal que nos une à democracia social austro-húngara”.

O autor do prólogo desta obra, Dr. Vincente Gay, afirma que os bolcheviques tendem a eliminar a fase capitalista da propriedade, mas castigam severamente o roubo, e o direito de expropriação só é exercitado pelas autoridades da República:

que a propriedade individual de móveis, valores e dinheiro não foi suprimida;

que, em princípio, no regime em questão não se suprime a propriedade privada da terra: tende-se apenas a uma nova distribuição da propriedade rústica;

A propósito dos 90 anos da Revolução Russa

que as terras confiscadas passam a ser propriedade nacional e administradas pelo Estado;

que em cada empresa há um administrador responsável que dá ordens sob sua responsabilidade e só há recurso de queixa contra as comissões fiscais;

que isto significa apenas uma ampliação no sistema de intervenção do operário, da organização do trabalho e a sua participação nos benefícios das empresas.

Com relação à situação política sabe-se que as liberdades públicas estão cerceadas completamente, que nem sequer a autonomia dos municípios existe e que a fiscalização sobre a vida pública e particular dos indivíduos é exercida com uma meticulosidade e severidade nunca vistas.

Para dar uma idéia sobre a pseudoditadura proletária basta saber que os socialistas revolucionários, os reformistas e todos os que não pertenciam à família bolchevique foram escoraçados dos comitês e de todas as repartições públicas. Os anarquistas, como mais perigosos inimigos do Estado, foram escoraçados sob o fogo das metralhadoras.

Aspiram os camaradas a implantar aqui um Estado semelhante?

Nós queremos, como os bolcheviques, esmagar o Estado burguês, mas queremos esmagar também o Estado bolchevique, queremos esmagar todos os Estados, porque enquanto existir o Estado não será possível a emancipação econômica e política dos oprimidos e explorados.

Vejam, pois, o que fazem os nossos amigos ou militantes que no Rio cogitam da constituição de um partido socialista ou maximalista.

Esta atitude, além de produzir uma cisão nos elementos avançados, significa uma refratação dos

princípios que disseram sustentar e uma traição à causa da emancipação humana.

### **Vivamos às claras – Basta de confusionismo**

Pelo despotismo autoritário ou pelo anarquismo

Content.<sup>10</sup>

*A Obra*

Ano 01 – Nº 14

São Paulo – SP

Páginas 10 e 11

01.10.1920

Sejamos conseqüentes.

A cada passo se encontram pessoas que, seja por ignorância ou por ambição, nunca se acham satisfeitas, mudando de idéias ou de partidos como quem muda de camisa. Que esta mudança sobrevenha depois de aturadas e profundas meditações, tendo-se reconhecido a falsidade dessas idéias preconcebidas, bem está; mas que, pelo sim ou pelo não, se abandonem os camaradas de lutas e a propagação dum ideal para aderir a um novo partido e entregar-se a novas propagandas – é fazer obra de divisão, contribuir para enublar os espíritos e dar, conseqüentemente, uma singular idéia da própria mentalidade.

Mas o que não se compreende é que alguns anarquistas, ou pelo menos pretensos anarquistas, abandonem a propaganda dum ideal que ainda ontem faziam seu, e isto porque em vão procuraríamos os motivos sérios da sua nova atitude. Estes, consciente ou inconscientemente, entregam-se a um péssimo labor e é contra o seu

A propósito dos 90 anos da Revolução Russa

confusionismo, contra a perturbação que eles contribuem a perpetuar, que nos queremos rebelar denunciando-os.

Em guarda!

Vai o vento de feição para o comunismo, posto em foco pela Revolução Russa. Comunismo que cada um interpreta a seu modo, consoante as necessidades da causa. Ao passo que antes da guerra só os anarquistas se chamaram simultaneamente “comunistas”, agora, e um pouco por toda a parte, existem grupos de tendência mais ou menos comunistas, soviética, na III Internacional: dissidentes do Partido Socialista, sindicalistas descontentes e anarquistas (?) em cisão com a anarquia. Publicam-se diferentes jornais e revistas, todas se apresentando como órgãos da III Internacional. Grupos e jornais reclamam-se de Moscou, de Lênin, de Trotsky, etc. e especulam, é preciso dizê-lo, com o prestígio da Revolução Russa, do soviétismo, do comunismo, da ditadura do proletariado.

Tudo isto causa nas idéias e nos espíritos uma deplorável confusão. Cada um procura interpretar o marxismo, o comunismo e mesmo o anarquismo de diferentes modos, experimentando mesmo conciliar os inconciliáveis. Difícil tarefa...

Esta confusão, que se manifesta quase sempre por uma ação incoerente, não parece, pelo menos neste momento, opor-se ao fim almejado — à revolução. Parece mesmo decuplicar os esforços de uns e de outros. Mas que amanhã surjam os acontecimentos que todos nós esperamos, e ver-se-á então à luz radiosa do sol, mas demasiadamente tarde, os erros, as faltas e as puerilidades de uns e de outros. Daí um grave perigo, na hora mesma em que uma linha de conduta bem clara perfeitamente determinada deveria ser a regra de cada um.

É tempo, pois, mais do que tempo, de nos erguermos contra a confusão das idéias e dos espíritos. Confusão

que será amanhã, caso não ponhamos em guarda o quebra-costas onde se pulverizarão todos os nossos esforços.

Entendamos-nos.

Que queremos nós?

Dois grandes princípios se têm achado sempre em lutas no decorrer da história. Dois grandes princípios trouxeram sempre às mãos as minorias e as maiorias, os povos e os governantes. A estes dois princípios não escapam os próprios elementos revolucionários, que lhes sofrem as garras. Eles dividiram sempre os homens e hoje se sabe que a harmonia só será possível quando nós tivermos decidido por um, eliminando o outro. Estes dois princípios, o princípio de autoridade e o princípio de liberdade, não podem, pois, conciliar-se, e os anarquistas, precisamente porque são anarquistas, fizeram há muito a sua escolha, erguendo-se sempre, e violentamente o fizeram, contra os métodos e práticas autoritárias. Práticas que, qualquer que seja o fim perseguido, tiveram sempre por resultado meter a bulha, dividindo-os por consequência, em um partido, um grupo ou uma casta, contra outros partidos e outros grupos, quando não contra o conjunto de toda uma população.

Foram estas práticas que, a quando da nossa Grande Revolução, arremeteram os jacobinos contra o povo, permitiram a volta da reação no Termidor (Julho, 1794) e prepararam o regresso e depois o reinado de Napoleão. Está ali todo um capítulo da história que é preciso relembrar e que deve servir-nos de lição.

Estes dois princípios acharam-se em antagonismo desde os inícios da Internacional Operária, cimentaram funda dissidência entre Marx e Bakunin, e nós sabemos por quais meios pouco honestos o primeiro eliminou o segundo. É preciso decididamente fazer uma escolha, e com todo o conhecimento da causa optar pelo socialismo

A propósito dos 90 anos da Revolução Russa

autoritário, o marxismo, que nos conduzirá fatalmente à ditadura, a constituição dum novo Estado, e, quer o queiram quer não, à reação — que a essência do Estado é *conservar* e quebrar as iniciativas e as energias — ou então, optar pelo socialismo antiautoritário, libertário, pela anarquia, que se oporá a toda a ditadura, a toda a organização centralizada, burocratizada, e nos conduzirá ao federalismo, à organização comunalista.

### **A força da anarquia**

Para demonstrar a potência do nosso ideal não remontaremos a Sócrates, nem mesmo a Rabelais, por bem inspirados que tivessem sido. Limitar-nos-emos, modestamente, a constatar a sua influência nos acontecimentos atuais.

Não se pode negar, com efeito, que na Rússia, no próprio seio da III Internacional, entre os bolchevistas — estes marxistas! — as idéias anarquistas tenham de algum modo pesado sobre as diretrizes, orientando as decisões. As moções contra a defesa nacional, contra o parlamentarismo, e outros mais, ainda que não sendo de natureza essencialmente libertária, estão, não obstante, fortemente impregnadas da idéia. As inovações — os comitês de operários, o sistema soviético, que alguns (certamente nascidos ontem para as questões sociais...) acham tão engenhosos, que são, em suma, a organização de baixo para cima, a descentralização preconizada sempre pelos federalistas, pelos anarquistas?

Mas ali ainda os princípios se encontram viciados, falseados nas suas bases, se dermos crédito a Kropotkin, pois que só os bolchevistas têm voz no capítulo.

Estes fatos revelam-nos, apesar de tudo, que para fazer a revolução os bolchevistas tiveram de calar o marxismo, e, à medida que se consolidam e se tornam

um governo forte, apressam-se a demolir o que tinham construído e o que poderia incomodar a sua política.

As resoluções do último Congresso de Moscou, dão-nos disso uma excelente prova: fez-se antiparlamentarismo até ao dia em que houve a certeza de boas eleições, etc. etc. ... E, como todo o governo que se respeita, o bolchevismo pratica o oportunismo.

Não é propícia a hora para o abandono dos nossos ideais, sobretudo neste momento em que eles afirmam a superioridade da sua lógica e a eficácia da sua ação; quando tal político, que ontem ainda solicitava os sufrágios da multidão, nos demonstra hoje as nocividades do parlamento; quando fulano de tal, que colaborou durante cinco anos na defesa da pátria, vem enxovalhar no último instante; quando um dado jornal, que se encarniçava na apologia de certos renegados, os passa a atacar inopinadamente — assiste-nos o direito de encolher os ombros e de dizer que há muito que os anarquistas tomaram posições, não esperando pelas ordens de Lênin para agir neste ou naquele sentido.

### **O perigo... O remédio**

Se, numa revolução, as idéias, as iniciativas de cada um se discutem, se confrontam, nós podemos estar seguros do sucesso. Mas se essas idéias se opõem violentamente pelo fato de que um partido, tendo conquistado o poder, tenta esmagar tudo o que não seja dimanado de si próprio, então haverá tudo a temer do novo governo e o êxito da Revolução restará problemático.

O grande perigo que poderia aniquilar todos os benefícios da Revolução a fazer recuar a humanidade, reside no fato dos violentos conseguirem utilizar a força do maior número, a força social, para sua única vantagem, como instrumento da sua própria vontade —

A propósito dos 90 anos da Revolução Russa

isto é, que conseguissem constituir um governo, organizar o Estado.

*Os anarquistas, que lutam hoje para destruir todos os órgãos da violência, terão por missão, amanhã impedir que renasçam esses órgãos por obra ou por conta dos antigos ou dos novos dominadores.*

Errico Malatesta

Eis aí a série de raciocínios que oferecemos às meditações dos nossos camaradas dos diferentes agrupamentos revolucionários, soviéticos, comunistas ou outros. Eles crêem ter achado o seu caminho e enganam-se redondamente! Estão em plena Torre de Babel...

Nós pedimos-lhe desde já um pouco de lógica e de coerência. Não abusem da palavra comunismo, antes de saber e fazer saber o que entendem ao certo por este termo. É preciso escolher entre o comunismo de Estado e o comunismo-anarquista. A não ser que se pretenda ficar no equívoco, em que tanto se comprazem certos “camaradas”, é mister decidirem-se pela ditadura ou pela anarquia. Porque pode bem suceder que amanhã seja muito tarde, e que bom número dos que julgaram andar bem enfraquecendo o anarquismo, ou não ousando ou não pensando dever ir até ele, tenham de roer as unhas, único desforro dos parvos, apercebendo-se que contribuíram pela sua atitude equívoca de hoje a entronizar uma nova categoria de governantes e de políticos.

A vós, camaradas socialistas, sindicalistas, soviéticos, comunistas, todos os que quereis sinceramente trabalhar por uma revolução profunda, a vós cabe decidir da vossa orientação e da vossa ação, cabendo-vos também meditar sobre esta eloqüente frase de Kropotkin:

*Dois partidos somente estão em face um do outro, o partido da coação e partido da liberdade, os anarquistas, e, contra eles, todos os outros partidos, qualquer que seja o rótulo.*

*É concludente: ou com os autoritários ou com os libertários. Conosco ou contra nós. Mas, por piedade: dai-nos a conhecer o vosso pensamento para que se saiba com quem estais!...*

*Evitemos a confusão que já se prolonga demasiadamente.*

*E nós convidamos os grupos e os indivíduos que estão conosco a aderir sem demora à Federação Anarquista, a única organização capaz de realizar a tarefa e a propaganda acima indicadas.*

## Notas

<sup>1</sup> O anarquismo constitui campo bastante largo para experimentos e vivências em diferentes modalidades de sociabilidades. Por esta razão suas diversas expressões se reconhecem entre si, apesar de constituírem perspectivas próximas ou mesmo consideravelmente distantes. Esta particularidade talvez explique a migração de anarquistas para outros campos do pensamento social. Neste sentido basta relembrar que anarquistas de projeção no movimento migraram para o marxismo e fundaram o PCB em 1922. José Oiticica (1882-1957) e Edgar Leuenroth (1881-1968), por exemplo, foram abalados pelo bolchevismo, mesmo sem adotarem o marxismo. Leuenroth chegou a escrever em 1919 um opúsculo junto com Hélio Negro, pseudônimo de Antonio Candeias Duarte, muito simpático ao bolchevismo. Oiticica colaborou com muita proximidade com os maximalistas por um certo tempo antes da criação do PCB. O jornal carioca *Spartacus* (1919) registra a aproximação de Oiticica com o marxismo. Outros anarquistas desistiram das idéias libertárias ou se voltaram para outras sociabilidades. Elyσιο de Carvalho (1880-1925), anarquista individualista de atuação importante no início do século XX, tornou-se uma figura importante no estabelecimento da polícia científica, momento em que se afastara do anarquismo, tornando-se um nacionalista próximo do integralismo. Entretanto, anarquistas como, por exemplo, Gigi Damiani (1876-1953), Lima Barreto (1881-1922), Maria Lacerda de Moura (1887-1945), Friedrich Kniestedt (1873-1947) e Florentino de Carvalho (1883-1947) foram irredutíveis, não contempORIZANDO com nenhuma forma de absolutismo. Ver Edgar Leuenroth; Hélio Negro. *O Que é Maximismo ou Bolchevismo*. São Paulo, [s.n.], 1919; Friedrich Kniestedt. *Memórias de um imigrante anarquista*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia, 1989. (Coleção Imigração Alemã) Tradução René E. Gertz; Moacir Medeiros de Sant'ana. *Elyσιο de Carvalho, um militante do anarquismo*. Maceió, Arquivo de Alagoas, 1982; Elyσιο de Carvalho. *Ensaios*. Brasília, Universa – UCB, 1997. Na vasta obra de Edgar Rodrigues há informações sobre diversos anarquistas no Brasil. Ver em particular Edgar Rodrigues. *Os Companheiros*. Rio de Janeiro, VJR Editores Associados, 1994-1997 em 5 volumes. Sobre anarquismos, no plural, ver Edson Passetti. *Anarquismos e Sociedade de Controle*. São Paulo, Cortez, 2003; Edson Passetti. *Anarquismos*. Disponível em < www.nu-sol.org >

## A propósito dos 90 anos da Revolução Russa

<sup>2</sup> Os jornais *A Plebe* e *Spartacus*, respectivamente de São Paulo e do Rio de Janeiro, registram em suas colunas os impasses e dilemas atingindo a muitos trabalhadores no período imediatamente posterior a 1917, sobretudo entre 1919 e 1920. O dinamismo do movimento anarquista foi profundamente afetado pelos acontecimentos da Revolução Russa e por sua crescente bolchevização, como é possível de se avaliar nos artigos de Florentino de Carvalho ora publicados.

<sup>3</sup> *Verve* publicou no número anterior um artigo de anarquistas russos e outro de Emma Goldman sobre as suas vivências do processo de bolchevização da Revolução Russa. Ver Grupo de anarquistas russos exilados na Alemanha. “A repressão ao anarquismo na Rússia Soviética” in *Verve Vol. 11*. São Paulo, Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária, 2007, pp. 95-108; Emma Goldman. “Minha outra desilusão na Rússia” in *Verve Vol. 11*. São Paulo, Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária, 2007, pp. 109-122. O volume vinte da Coleção Escritos Anarquistas reúne textos de anarquistas que viveram e refletiram sobre a Revolução Russa. Alexandre Skirda (et alii). *Nestor Makbno e a revolução social na Ucrânia*. São Paulo: Imaginário; Nu-Sol; SOMA, 2001. Friedrich Kniestedt registrou em suas memórias ter polemizado com representantes de projeção na social democracia alemã. Travou polêmicas em reuniões com Bernstein, Rosa Luxemburgo entre outros grandes personagens do partido. Destacou, dentre estes, um debate, em torno da grande guerra que se anunciava, ocorrido com o escritor russo Braunstein em fins de 1913. Braunstein posteriormente ficou conhecido como Trotsky. Ver Kniestedt, op. cit. pp. 61-62; 107-108.

<sup>4</sup> Os artigos aqui apresentados são assinados por Florentino de Carvalho e por Content. Estes são dois dentre os muitos outros pseudônimos de Primitivo Raymundo Soares (1883-1947). Entretanto, ficou mais conhecido, no movimento operário no Brasil e noutros países como Uruguai e Argentina, como Florentino de Carvalho. Rogério Nascimento realizou pesquisa de mestrado sobre a vida e pensamento social de Florentino de Carvalho. Ver Rogério Nascimento. *Florentino de Carvalho, pensamento social de um anarquista*. 1ª ed. Rio de Janeiro, Achiamé, 2000.

<sup>5</sup> Florentino de Carvalho colaborou com a imprensa anarquista pelo menos desde 1912. Deste ano em diante, integrou coletivos editoriais de maneira ininterrupta até meados da década de 1920. Em 1926, os órgãos de repressão elaboraram em São Paulo uma *Lista de anarquistas perigosos*. Nesta ocasião, Florentino de Carvalho evade-se para o Rio Grande do Sul onde publica, em 1927, seu primeiro livro. Ver Florentino de Carvalho. *Da Escravidão à Liberdade: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social*. Porto Alegre, Renascença, 1927. Após as comissões de 1932 em São Paulo publicou, neste mesmo ano, seu segundo livro, exemplar único porque escrito por um trabalhador refletindo sobre a guerra de São Paulo contra o governo central. Ver Florentino de Carvalho. *A Guerra Civil de 1932 em São Paulo: solução imediata dos grandes problemas sociais*. São Paulo, Ariel, 1932. Escreveu ao todo cerca de oito livros, dos quais apenas os dois primeiros foram publicados. Os originais dos demais desapareceram ou foram subtraídos pela polícia.

<sup>6</sup> Para André Glucksmann, os hospitais psiquiátricos para dissidentes políticos e, sobretudo, os gulags, os campos de concentração russos, não foram “erros”, “desvios” nem “equivocos” acidentais, mas antes aspectos constituintes do marxismo. A história não o desmente. Estado marxista e instituições concentracionárias estão juntas onde quer que tenha sido instaurado e independente da vertente adotada. André Glucksmann. *A cozinheira e o canibal: ensaio sobre as relações entre o Estado, o marxismo e os campos de concentração*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, Tradução de Angelina Peralva. Roberto das Neves relacionou marxismo com estabelecimento de ditaduras. Ver Roberto das Neves. *Marxismo: escola de ditadores*. Rio de Janeiro, Mundo Livre, s/d. Os embates ocorridos entre Marx e Bakunin tiveram como um de seus desdobramentos a publicação de análises elaboradas pelo segundo em torno do pensamento social e político do primeiro, de onde é possível destacar o caráter despótico do pensamento social de Marx evidenciado na analítica bakuniniana. Ver Mikhail Bakunin. *Escritos Contra Marx*. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo, Imaginário, Nu-Sol, SOMA, 2001.; Mikhail Bakunin. *Estatismo e anarquia*. São Paulo, Imaginário, Nu-Sol, SOMA, 2003. Tradução de Plínio Augusto Coelho.

<sup>7</sup> Os artigos foram atualizados e corrigidos. Procuramos intervir o mínimo nos textos. Por isto mantivemos algumas expressões em desuso. Verve publicou dois artigos de Florentino de Carvalho. Ver Rogério Nascimento. “Guerras, deuses, educação, liberdade sob olhares anárquicos.” in *Verve Vol. 3*. São Paulo, Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária, 2003, pp. 92-136; Florentino de Carvalho. “Carta aberta aos trabalhadores.” in *Verve Vol. 10*. São Paulo, Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária, 2006, pp. 220-223.

<sup>8</sup> O jornal anarquista *A Plebe* foi criado em 1917 por conta das agitações proletárias ocorridas naquele ano em São Paulo, tendo atravessado três fases até meados da década de 1940. Entretanto, a considerar o editorial do primeiro número, este jornal era a continuação de *A Lanterna*, jornal anticlerical fundado em 1901. A decisão de publicar o jornal com novo nome deu-se, ainda segundo o editorial, por conta da necessidade, colocada pelo coletivo editorial, de ampliar o foco de abordagem da questão social. Um jornal monotemático limitava as possibilidades. *A Plebe* passou a tratar de outros temas sem deixar de publicar em suas colunas artigos críticos do clero, da igreja e da religião. Por sua vez *A Obra*, apesar de ter sido publicado apenas no ano de 1920, agregava anarquistas atuantes em outros jornais e revistas, inclusive n’ *A Plebe*, e também em outras atividades, como escolas e sindicatos. Rogério Nascimento realizou tese de doutoramento sobre jornais e revistas anarquistas. Ver Rogério Nascimento. *Indisciplina: experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil*. 388 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais – Política) – PUC-SP. São Paulo, 2006. Disponível em < [www.sapientia.pucsp.br](http://www.sapientia.pucsp.br) > .

## A propósito dos 90 anos da Revolução Russa

<sup>9</sup> Nota do Nu-Sol: Volin (1882-1945), pseudônimo do anarquista Vsevolod Mikailovitch Eichenbaum, integrou o primeiro soviét criado no ano de 1905 em Petersburgo na Rússia. Registrou suas impressões deste evento num livro publicado em três volumes dos quais apenas o primeiro nos beneficiamos de tradução no Brasil. Ver Volin. *A revolução desconhecida: nascimento, crescimento e triunfo da Revolução Russa (1825-1917)*. V. 1. Tradução de Jaime Almeida. São Paulo, Global, 1980. O segundo e terceiro volumes são intitulosados, respectivamente, “Bolchevismo e Anarquia” e “As Lutas Pela Verdadeira Revolução Social: Cronstadt e Ucrânia”. Nestor Makhno (1889-1934), guerrilheiro anarquista ucraniano, publicou as experiências anarquistas na Ucrânia e o desempenho da makhnovistchina, o exército guerrilheiro insurrecional de camponeses. Ver Nestor Makhno. *A “Revolução” contra a revolução: a Revolução Russa na Ucrânia, março 1917-abril 1918*. Tradução de Milton José de Almeida. São Paulo, Cortez, 1988. Piotr Archinov, operário anarquista, integrante da makhnovistchina, publicou livro registrando eventos da revolução social na Ucrânia. Ver Piotr Archinov. *História do movimento Makhnovista (a insurreição dos camponeses da Ucrânia)*. Aguada de Baixo – Águeda. Portugal, Assírio & Alvim, 1976.

<sup>10</sup> Nota do Nu-Sol: Ver nota 4.

RESUMO

*Conjunto de cinco artigos de Florentino de Carvalho (1883 – 1947) escritos na imprensa anarquista em São Paulo no ano de 1920 em que a Revolução Russa é analisada. O autor destaca a participação intensa dos anarquistas neste evento ao mesmo tempo em que percebe no processo de bolcheviquização na Rússia a instauração de novas tiranias. Antes da ascensão de Stalin, Florentino de Carvalho evidenciou a existência de uma identidade do bolchevismo com os jacobinos na Revolução Francesa.*

*Palavras-chave: Revolução Russa, bolchevismo, anarquismo.*

ABSTRACT

*Reunion of five articles by Florentino de Carvalho (1883-1947) published in the anarchist press in São Paulo, during the 1920's, in which the Russian Revolution is analyzed. The author relights the impressive anarchist participation in this event, at the same time he notes the process of 'bolcheviquisation' in Russia, with the instauration of new tyrannies. Before Stalin's rise, Florentino de Carvalho had shown the existence of an identity between the Bolchevism and Jacobinism in the French Revolution.*

*Keywords: Russian Revolution, bolchevism, anarchism.*

*Recebido para publicação em 23 de abril de 2007. Confirmado em 6 de agosto de 2007.*